

Janio de Freitas

A natureza deles

A meio de sua exposição sobre o projeto governamental "Nossa Natureza" —mais uma ficção assinada pelo acadêmico José Sarney—, o ministro-general Bayma Denys pronunciou, com o garbo apropriado, uma frase que encerra toda a verdade sobre o drama ambiental brasileiro: "O Brasil não se submete à pressão de qualquer natureza." É isto mesmo. Nem da natureza amazônica, da natureza atlântica, do Pantanal, da orla marítima ou de "qualquer natureza". O que inclui a humana e explica os 40 milhões da miséria absoluta, as favelas, os sem-terra, os pistoleiros, a impunidade, a polícia.

Mas a outras pressões se submete, sim. Desde que estrangeiras. E por isto foi feita a própria reunião comandada (intelectualmente, bem entendido) pelo ministro-chefe do Gabinete Militar e secretário-geral da Secretaria de Assessoramento de Defesa Nacional, com sete governadores e um vice-governador, como audiência não menos embevecida do que ao tempo do regime militar.

A retórica voltada aqui para dentro, com as bobices de ameaças à soberania e até à propriedade territorial da Amazônia, tem o fim óbvio de tentar constituir, em torno do governo, um cinturão de solidariedade que, pelos meios próprios dos seus deveres e atribuições, Sarney e os seus não foram, não são e não serão capazes de obter. Para efeito externo, o governo está se desdobrando em explicações e promessas de ação que movimentam as embaixadas (põe em atividade, veja só até mesmo os embaixadores, tão desafeitos a estes esforços).

Além de sua frase —uma síntese definitiva— por outras duas razões foi ainda proveitosa a presença dominante do general Bayma Denys na reunião do "Nossa Natureza". De saída, ofereceu comprovação inquestionável de que a Amazônia é domínio militar e suas desventuras estão em conformidade com concepções para ela elaboradas no Conselho de Segurança Nacional (hoje é a tal Secretaria de Assessoramento de Defesa Nacional).

Em seguida, a inovação proposta pelo "Nossa Natureza" (nossa, já se

viu, é lá deles), em relação ao blablablá usual do reflorestamento e da proteção aos indígenas, demonstra que a concepção militarista da Amazônia só pode ofertar "soluções" autoritárias e enganadoras para os problemas que assolam a região.

A primeira destas soluções estreladas é "criar reservas florestais". É isto, criar reservas florestais na floresta. Ou seja, a ordem é desmatar o que estiver fora da reserva a serem mapeadas pelos dominadores da região. Trata-se, portanto, de uma fórmula para legalizar o desmatamento que o projeto de ocupação da Amazônia, concebido pelo então Conselho de Segurança, provocou e pretende que prossiga.

A outra "solução" consiste em criar uma polícia para a floresta amazônica. No parque de Itatiaia, entre Rio e São Paulo, o governo não mantém mais do que meia dúzia de guardas, por falta de destinação orçamentária, de organização e, sobretudo, de vontade de zelar pelo patrimônio florestal e animal. Imagina quantos seriam necessários nas vastidões amazônicas e quantos, de fato, seriam postos lá. Entende-se que ocorra aos dominadores da Amazônia a solução policialesca, mas o que a floresta requer, para fiscalizá-la, são comissões de cientistas e técnicos, gente capaz de avaliar a adequação geológica, econômica e ambiental dos projetos. Assim como fiscalizar é avaliar os efeitos das iniciativas aventureiras, aprovando-as ou repelindo-as em tempo. Há gente formada em número mais do que bastante para dedicar-se a serviços assim. Além do mais, sem os riscos de suborno fácil e de subordinação idem à hierarquia imposta pelos planejadores atuais da ocupação amazônica.

É tão bom o plano do conselho, ou assessoria, para a Amazônia que os ministros militares tinham reunião marcada ontem, no Ministério da Marinha, para tratar do aumento da presença militar na Amazônia.

"Nossa Natureza" é um nome atraente para mais uma ficção de terror em co-autoria de Sarney e associados. Em breve, nas bancas. Ou melhor, em breve, nos bancos.